

CAPUÊRA:¹ MULHERES NA LUTA

CAPUÊRA: WOMEN FIGHTING

Rosa Maria Araújo SIMÕES²

RESUMO: este estudo é o resultado das minhas inquietações sobre a mulher na capuêra, principalmente depois de ter percebido haver situações de discriminação e opressão da figura feminina na prática deste jogo-de-luta-dançada. Ser mulher na capuêra envolve questões referentes à discriminação, opressão, educação, musicalidade, maternidade, violência, religiosidade, força e condição feminina, história da mulher na capuêra. Mulheres lutando pela liberdade. Faço, enfim, um convite à quebra de encadeamento de opressões na educação por meio de uma discussão sobre a mulher na capuêra.

PALAVRAS-CHAVES: capoeira; mulher; discriminação.

Introdução

[...] o caminho da pesquisa levou-me ao encontro de formas arquetípicas da cultura feminina, nas páginas de documentos e obras raras. Vi, assim, a história das santas, de mães, de sereias e putas, de pandoras e curandeiras. Histórias que colocam repetidamente a pergunta: quem somos nós? (DEL PRIORI, 1993, p. 20)

Talvez a tentativa de responder quem somos nós mulheres na capuêra seja o motivo deste artigo, e isto seria possível a partir, primeiramente, da minha própria história na capuêra.

Iniciei-me na capuêra em 1990 e, a cada ano que passava, mais perplexa eu ficava, e nela me envolvia cada vez mais, participando de cursos de extensão universitária, visitando outras academias (não só as do interior de São Paulo, bem como as de Salvador - BA), participando de encontros (em Goiânia, Brasília, São Luís do Maranhão, São Paulo etc.) e ministrando aulas na Academia Power Gym e na Academia Bonsai em Rio Claro. Durante mais ou menos quatro anos, quis enxergar mais o lado maravilhoso, lindo e perfeito da capuêra. Os poucos *defeitos* que eu vinha enxergando foram aumentando, e *neles*, preponderantemente, a questão da mulher-capuêra estava inserida. Fui percebendo que era necessário fazer um estudo sobre esse jogo que denominei feminino, o que resultou na minha dissertação de mestrado em Ciências da Motricidade na Unesp de Rio Claro, (e conseqüentemente neste trabalho) cujo objetivo era saber *O que é ser mulher-capuêra*.

¹ De acordo com a Associação Cultural de Capuêra Angola Escrava Anastácia, escreve-se *capuêra* por ser uma palavra de origem tupi-guarani. Neste artigo adoto o termo escrito em tupi-guarani, exceto quando se tratar de citações de autores e/ou mestres que escrevem obedecendo a escrita na língua portuguesa.

² Professora do Departamento de Artes e Representação Gráfica – FAAC – Unesp/Bauru.

Assim como me sentia segura e familiarizada em rodas de capuêra (dos mais diversos lugares), mesmo nas que eu estava presente pela primeira vez, assim como percebia a riqueza da filosofia da capuêra, era nela possível também vivenciar situações, por exemplo, de *opressão e de discriminação da mulher*,³ que podem ser explicitadas por meio de alguns atos masculinos tais como a própria compra de jogo no intuito de fazer com que a mulher saia da roda com pouco tempo de jogo, o excesso de cantadas baratas de que as mesmas são vítimas, o espanto das pessoas frente à notícia de que mulheres também davam aulas de capuêra⁴ etc.

Como a questão da discriminação me parecia algo contraditório com a filosofia da capuêra, a qual surgiu também como forma de luta contra a opressão e discriminação do branco sobre o negro, eu não considerava justo que advenços deste tipo ocorressem com relação ao gênero.

Apesar de não ser a capuêra a culpada de nada e sim as pessoas que a faziam e que a fazem (influenciadas por um contexto sócio-cultural latino, africano e europeu, cujo machismo é marcante), estes dois atos principais (discriminação e opressão) me fizeram, como capuerista e como mulher, me preocupar mais ainda com esse cotidiano da mulher, no qual constantemente a mesma é rotulada, objetificada, conceituada, marginalizada, elogiada, santificada etc.

Mas enfim, perplexa com a discriminação e opressão da mulher na capuêra, comecei a me perguntar: como pode acontecer algo assim, a maioria macho no meio capuerístico nos rotular, nos objetificar, nos marginalizar, se a capuêra é fêmea até no nome? Capuêra é um substantivo feminino, tanto *capuêra* enquanto jogo, bem como *capuêra*, a mulher que joga. Eu poderia falar a *capuerista* para distinguir de o capuerista. Mas por que não falar, a capuêra (mulher que joga)? Para tornar este artigo mais didático? Deixemos que os termos nos confundam. Aliás, não faremos confusão, pois capuêra-jogo e capuêra-mulher que joga é tudo a mesma coisa. Não é à toa que no meio capuerístico, o termo⁵ capuêra é tão utilizado para designar a pessoa que joga capuêra.

³ A opressão e discriminação da mulher podem ser observadas no esporte em geral. Rocha Ferreira (1997, p. 131) em seu artigo intitulado *A mulher e esporte no Brasil*: uma abordagem histórica e antropológica afirma que “[...] as desigualdades entre homens e mulheres atletas podem ser visualizadas através da maior oportunidade de contratação para o homem, maior salário, melhores prêmios e rank de classificação”. Ela diz, ainda, que os homens ainda são maioria, apesar da situação da mulher ter-se modificado e o número de atletas femininas ter aumentado.

⁴ Nos anos de 2000 e 2001 ministrei a disciplina Capoeira no curso de Licenciatura em Educação Física na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Pardo. O espanto passou a ser menor.

⁵ No meio capuerístico são utilizados os termos capuêra e capuerista para designar a pessoa que joga a capuêra, que vive a capuêra. Diz-se: o capuerista, a capuerista, o capuêra, a capuêra. Caso haja necessidade de pesquisar sobre a origem do termo, pode-se consultar Rego (1968).

Eu estou mais familiarizada em usar o termo capuêra tanto para o jogo bem como para o homem ou para a mulher, ou menino e menina que a jogam, porém, dependendo da abordagem a ser feita, a língua portuguesa com suas regras pode ser um empecilho para o uso do termo “capuêra” na medida em que ele seja mais um motivo para nos deixar confusos no que diz respeito a que gênero estamos nos referindo. Mas uma coisa é certa, sempre estaremos nos referindo ao feminino. Pois o capuêra joga a capuêra. E a capuêra joga a capuêra.

Pelo menos o “a” (artigo), tanto a capuêra (mulher) como a capuêra (jogo) têm em comum...

UM APRENDIZADO DISCRIMINATÓRIO?

É por volta dos treze anos que os meninos fazem um verdadeiro aprendizado da violência, que desenvolvem sua agressividade, sua vontade de poder, seu gosto pelo desafio; é exatamente nesse momento que a menina renuncia aos jogos brutais. (BEAUVOIR, 1949, p. 79)

Diante desta citação, penso a complexidade da capuêra, não enquanto jogo brutal com o sentido de violência, como muitas vezes atualmente ela vem sendo considerada, mas sim como algo bruto, algo que é tal como foi encontrado na natureza, ou seja, os movimentos corporais provenientes de imitação dos bichos, o instinto de preservação à vida do ser humano oprimido, a sua necessidade de brincar, de jogar. A capuêra é em sua essência uma dinâmica de jogo, de luta dançada, e o dançado, dentro de uma primeira compreensão, não está meramente ligado à força, ou à vontade de vencer, ou à violência, mas à necessidade de conviver com o outro.

Com a citação de Beauvoir não pretendo ilustrar a situação da mulher na capuêra por se tratar de uma afirmação consistente da separação discriminativa da mulher e do homem numa determinada perspectiva cultural. Não é verdade que toda mulher se afaste dos jogos brutais e do aprendizado da violência e agressividade, e mesmo que isso seja verdadeiro, seriam necessários mais significados, dados pelas próprias meninas e meninos de tal cultura ou de uma determinada situação, para, então, ser possível uma compreensão da renúncia das meninas e/ou da situação gerada. Além disso, ao fazermos um retorno às origens do termo violência, perceberemos que na capuêra, talvez ele tenha outro significado.

Sodré (1988) faz um estudo sobre o tema e afirma que a violência (força) se manifesta como “princípio regulador de trocas entre grupos” e, ao se referir à habilidade guerreira dos antigos gregos (*areté*), mostrava que daí surgia a excelência social.

Força (violência) e sagrado sempre estiveram vinculados, e a idéia mesma da divindade implicava a de uma qualidade diferente de força. Observa-se que a palavra grega *hiéros* (sagrado) origina-se do védico *irisah*, que significa ‘força vital’. (SODRÉ, 1988, p. 80)

No meio capuerístico, falamos muito a palavra *axé* que, para os nagôs, também significa força (força vital). Já os yorubás, segundo Sodré (1988), distinguem *axé* de *agbara*, que equivale ao conceito corrente de poder no ocidente, ou melhor, *agbara* é propriamente poder físico, enquanto *axé* é a autoridade emanada de uma vontade coletiva, do consenso atingido por uma comunidade. Mas por que essa abordagem a respeito da violência? Para ilustrar que, numa primeira visão, temos a violência com esse sentido de força vital de um lado e, do outro, a violência com o sentido de “força mortal”. Estas duas forças estão atuando de maneira desequilibrada, isto é, há uma tendência para a predominância da segunda. É essa violência com o sentido de força mortal que parece estar sendo utilizada pela parcela masculina (e, infelizmente, até por algumas mulheres de nossa atualidade) do meio capuerístico, contribuindo para a discriminação de forma geral e, principalmente, contribuindo para a opressão e discriminação com relação ao gênero feminino.

Essa expressão, força mortal, surgiu-me, ao pensar na mulher na capuêra. A dominação branca portuguesa sobre o Brasil Colônia (eram os homens que massacravam índios e negros), a sociedade patriarcal (o homem, o macho mandava em tudo), a posição de inferioridade a que a mulher sempre esteve colocada.⁶ Inclusive, a visão de corpo que se tinha da mulher era a visão de um corpo feminino destituído de cabeça, ou melhor, a questão não é nem de dualismo corpo-mente (proveniente de um cartesianismo acirrado) e sim corpo sem cabeça, pois a cabeça da mulher, neste caso, era o homem.

A própria Língua Portuguesa, por sua vez, talvez seja um dos grandes reflexos desta visão de corpo que, padronizando a abordagem acerca do ser humano de forma masculina, induz a se pensar sempre no homem como sujeito ativo na história.

É possível se pensar, ainda, que a mulher sempre esteve presente nos mais variados contextos sócio-culturais. Embora seja possível detectar qual a participação direta⁷ da mulher nos diversos contextos sociais, ainda permanecerá a dúvida da sua participação indireta. E se forem levadas em

⁶ Segue um exemplo deste tipo de ocorrência no Brasil Colônia encontrado em Del Priori (1993, p. 238). Sob acusação de curandeirismo, as mulheres eram duplamente atacadas: “[...] por serem mulheres e por possuírem um saber que escapava ao controle da medicina e da Igreja.”

⁷ No meio capuerístico parece ser vista como participação indireta, por exemplo, a influência do matriarcado baiano sobre os capoeiras, ou seja, (segundo Frede, responsável pelo acervo do Instituto Mauá - Salvador - BA) as mães-de-santo exerciam grande poder sobre as atitudes masculinas, não só de capoeiristas, mas de políticos e de intelectuais ligados ao tema afro-brasileiro. SODRÉ (1988, p. 64), em *O terreiro e a cidade*, cita como exemplo de grande personalidade, responsável pelo zelo da memória Ketu, a aiyalorixá (mãe-de-santo) Aninha (Eugênia Ana dos Santos, 1869-1938), “mulher de fibra que organizou o terreiro do Axé Opô Afonjá na região onde se encontravam muitos quilombolas”, ou seja, na atual São Gonçalo do Retiro (Salvador-BA). Poder-se-ia chamar de indireta a tal participação feminina, mas ao se considerar essas relações “intersubjetivas” no todo do contexto sócio-cultural afro-brasileiro, quem sabe não passemos a considerar como participação direta?

consideração as mudanças gritantes que vêm ocorrendo atualmente com relação à participação da mulher (isto é, a mulher participando mais diretamente, tomando decisões em nossa sociedade [...]), seria preciso rever a célebre frase: “por trás de um grande homem sempre está uma grande mulher”, ou até criar uma outra frase: “à frente de um grande homem está uma grande mulher”. Na primeira frase, poder-se-ia pensar na mulher como a chave decisiva para a atitude masculina. Mas, por que não pensar na mulher agindo de maneira a sair na frente do homem? Porque isto só inverteria a situação de dominante e dominado, e ainda que esta situação não fosse invertida, ou seja, a frase permanecesse “por trás de um grande homem sempre há uma grande mulher”, poder-se-ia perceber que, frases como esta, por um lado e de uma certa maneira, engrandecem a mulher e, por outro, a mulher fica diminuída por estar simplesmente por trás. Proponho outra frase (e até mesmo outra relação entre os sexos): *o grande homem e a grande mulher buscam caminhar lado a lado.*

A MULHER-CAPUÊRA: NA MÚSICA, NOS LIVROS E NOS FILMES

Outra forma curiosa de retratar a participação da mulher na capuêra são as ladainhas, as quadras e os cantos corridos. Há uma série de cantos que podem expressar os sentimentos do homem pela mulher e mesmo expressar alguma situação de vida da mulher. Aqui seguem algumas como exemplo:

DENTE DE OURO

Ela tem dente de ouro,
Ela tem dente de ouro
Fui eu quem mandei botá
Eu vô rogá uma praga
Pro dente se quebrá
Ela de mim não se alembra
Oi meu bem,
Dela não vou me alembra
Das horas amarguradas
Com ela eu vou casar
Camaradinha [...] ⁸

QUATRO COISA NESTE MUNDO

Quatro coisa neste mundo
Quatro coisa neste mundo,
Que aperreia um cidadão
uma casa com pingueira,
um cavalo chotão
uma mulhé ciumenta

⁸ Ladainha de domínio público cantada por Mestre Waldemar do Pero Vaz, 1986, faixa 5.

e um minino chorão
Tudo isso se dá jeito
Cavalo eu negoceio
minino se aquelenta
casa eu retelho
e a mulhé me cai na peia
Camaradinha [...] ⁹

Dendê de aro amarelo

Oi dendê, oi dendê
Oi dendê, oi dendê
Dendê de aro amarelo
Dendê de aro amarelo
Vai dizer ao dendê
Eu sou homem não sou mulhé
Vai dizer ao dendê
Eu sou homem não sou mulhé [...] ¹⁰

O calado é vencedô

O calado é vencedô
O calado é vencedô
mas para quem juízo tem
quem espera ser vingado
não roga praga em ninguém
a mulher é como a cobra
tem sangue de peçanha
deixa o rico na miséria
oi meu bem,
deixa o pobre sem vergonha
vou dizer prá meu amigo
que hoje a parada é dura
quem amá mulhé dos outros
oi meu bem
não tem a vida segura... ¹¹

Ao assistir a filmes, reportagens e também ao observar fotos de capuêra, pode-se notar, a partir destes, que a participação nas rodas de capuêra era, inicialmente, quase que exclusivamente masculina.

No filme “Dança de Guerra”, as mulheres participam de um ritual capuerístico, fazendo rezas, batendo palmas e cantando, ou apenas assistindo

ao jogo atentamente, muitas vezes sorrindo, expressando um prazer ao assistir o jogo, ou ao ouvir o mestre tocar o berimbau. Elas trajam vestidos brancos rodados e “turbante na cabeça” (rodilha). Ou seja, elas não aparecem jogando capuêra, mas aparecem dançando o samba de roda.

Em outro momento, num livro de Mestre Pastinha (1964), fazendo referência aos capuêras mais famosos, e dentre eles, alguns já falecidos há muitos anos e outros mais recentemente, surge uma lista composta de 53 pessoas, e foram citadas duas mulheres: Júlia Fogareira e Maria Homem. Mestre Cobrinha Verde, por exemplo, aprendeu a jogar navalha no cordão, nas mãos e nos pés, com uma mulher, Tonha, apelidada Tonha Rolo do Mar (Santos, 1991).

Como se pode notar, houve todo um processo para que fosse dado início à participação da mulher no jogo de capuêra como jogadora, pelo menos é deste pré-reflexivo que parto.

Uma revisão de literatura mais consistente levaria a uma série de suposições que não pretendo gerar neste momento, não tenho interesse em uma análise detalhada da literatura acerca da capuêra ou da mulher. É preciso trabalhar as duas realidades, mulher e capuêra, de forma única. Na verdade, estas duas realidades já se encontram integradas, mas o próprio contexto machista da cultura da capuêra faz com que sejam menos salientadas do que a história do homem na capuêra, um fator dominante. Mas ao se pensar na atuação direta ou indireta, muitos homens jogam a capuêra e neste jogar, já se encontra uma expressão do feminino. Como enfatiza mestre João Pequeno, a primeira pessoa que ensina capuêra é a mãe, é ela que nos ensina os primeiros passos, ou seja, é ela que acompanha o surgimento dos primeiros movimentos corporais de sua criança, como o engatinhar, o andar. A partir daí posso dizer, também que todo homem tem uma forte influência feminina em sua vida, seja através da figura da mãe, tia, avó, irmã, namorada, professora, esposa etc., todo homem então, tem o seu jeito de ser feminino e o seu jeito de ser com o feminino. O homem, em toda sua vida e em todos os tempos se relacionou com a mulher. E continua se relacionando [...].

Há algo no presente, na cultura da capuêra, que mudou, pois é nítida a maior participação da mulher, sua ação na capuêra, e isto chama a atenção para um estudo ¹² mais detalhado desta participação, que permita saber mais acerca da consciência da mulher atual na capuêra.

EDUCAÇÃO: UM CONVITE À LIBERDADE POR MEIO DA CAPUÊRA

Se corpo e mente tradicionalmente traduziram uma visão dicotômica sobre corpo, como entidades distintas e separadas, o corpo homem e o corpo mulher, ao longo dos séculos, levaram o estereótipo diferenciado não só pelas questões biológicas mas principalmente culturais. Já se perdeu no tempo, o período em que essa diferença se

⁹ Ibid, faixa 8.

¹⁰ Corrido de domínio público cantado por Mestre João Pequeno, 1989, faixa 4.

¹¹ Ladainha cantada por Mestre Canjiquinha, 1986, faixa 9.

¹² Ver minha dissertação de mestrado *Capoeira: um convite ao jogo feminino*.

estruturou, valorizando o corpo homem e mascarando as potencialidades do corpo mulher. (SIMÕES, 1997, p. 135)

Algo em comum em dualismos como mente é corpo, e corpo-homem e corpo-mulher? Sim. Além da dicotomia em si, a questão de que sempre os primeiros estão num patamar superior aos segundos.

Em Educação Física, há uma luta contra a dicotomia corpo e mente proveniente de um cartesianismo acirrado. Na educação como um todo, ainda há a supervalorização do trabalho racional [...].

Neste artigo também há uma luta: uma luta contra a dicotomia corpo-homem e corpo-mulher. Visões dicotômicas como estas contribuem para o surgimento da discriminação, da opressão e da violência.

Tive medo, durante a minha formação acadêmica, de enfrentar a sociedade sendo uma simples professora de educação física. Para a nossa sociedade, em que há um predomínio de uma visão cartesiana, eu seria um corpo sem mente. Tive medo, também, de ser capuerista. Ser a minoria corpo-mulher numa maioria corpo-homem do meio capuerístico.

Tinha que surgir uma força dentro de mim para enfrentar essa condição. Não podia deixar de mostrar a teia de forças que atuam na capuêra. Não podia evitar que tal fenômeno se desvelasse.

Como mulher e como capuerista via a capuêra, com olhos de mulher aluna, mulher educadora, enfim, mulher capuerista.

Tive também a oportunidade de ouvir algumas histórias de capuêra em que a mulher era a figura principal, isto certamente me influenciou.

Sobre a coreografia dos movimentos, por exemplo, a capuêra teve origem numa dança de iniciação feminina conhecida pelos negros de Angola "N'Golo".

Sobre o berimbau (o instrumento musical mestre da roda) há uma lenda que diz que havia uma linda donzela na beira de um rio tomando água nas mãos postas em concha, quando um homem a atacou fazendo com que ela falecesse. A donzela é o berimbau. O pau do berimbau em arco, representa seu corpo; o fio de aço, os seus longos cabelos; a cabaça, suas mãos que estavam em concha enquanto bebia a água; e o som, o choro melancólico do espírito da donzela.

A lenda do berimbau, por tratar de um homem que mata uma mulher, me faz voltar à questão da discriminação e opressão da mulher. Ao longo de minhas pesquisas a mulher-capoeira mostrou algumas formas pelas quais o homem a oprimiu. É o pai que bate na filha para proibi-la de jogar capuêra. É o mestre que atende ao pedido de um pai não deixando sua discípula freqüentar a academia. É o não reconhecimento da mulher-capuêra, enquanto profissional, por ela fazer algo aparentemente de domínio dos homens. É uma

bateria composta pela maioria homem, mesmo as mulheres tocando muito bem os instrumentos. É a crença na absoluta fragilidade da mulher [...].

A capuêra é um jogo contra a opressão (sua origem se deu devido a uma necessidade dos negros lutarem contra a dominação branca), e ela própria oprime? Isto é injusto. Luta-se contra a discriminação racial e há uma discriminação de gênero?

Vejo que a mulher-capuêra, na atualidade, está conquistando espaços, mas sobretudo, vejo que se há um momento de conquistas, é porque há momentos de discriminação e opressão.

Que este artigo seja palco das situações vividas pela mulher na capuêra, situações de perdas e conquistas, força e fragilidade. Muito mais que isto, que ele permita uma reflexão sobre as formas de relações estabelecidas, não só entre homens e mulheres, mas entre seres humanos.

Capuêra: mulheres na luta é um convite à quebra de um encadeamento de opressões. É um convite a uma educação por meio da capuêra, jogo, luta, dança pela liberdade. Que a Educação seja um jogo-de-luta dançada jogada livremente!!!

SIMÕES, Rosa Maria Araújo. *Capuêra: women fighting. Educação em Revista (Marília)*, n.3, p. 97-106, 2002.

ABSTRACT: this study is the result of my concern about the role of women in *Capuêra's* play, especially after I had perceived discrimination and oppression against "women". A discussion about women in *capuêra* involved the questions like discrimination, oppression, education, music, violence, religiosity, power relations, female condition and women history. Through struggle for the liberty of women in *capuêra's* play it maked a invite to destruction of oppression in Education.

KEYWORDS: capoeira (*Capuêra*); woman; discrimination.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: A experiência vivida*. São Paulo: Círculo do Livro. v.2, 1949c.
- DEL PRIORI, M. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993. 358p.
- DANÇA de guerra. Dirigido por GERBASI, S. s.n.t. Filme cinematográfico.
- MESTRE João Pequeno, MESTRE João Grande. *Programa Nacional de Capoeira SEED/MEC: Capoeira Arte & Ofício*, 1989. Disco
- MESTRE Waldemar, MESTRE Canjiquinha. *Capoeira*. Salvador: MCK Coml. Repres. Fonogr. Ltda, 1986. CD.

PASTINHA, M. *Capoeira Angola*. Salvador, Escola Gráfica N. S. de Lorêto: Convento da Piedade, 1964. 78p.

REGO, W. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Bahia: Itapuã, 1968.

ROCHA FERREIRA, M. B. A mulher e esporte no Brasil: uma abordagem histórico-antropológica. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5, Maceió, 1997. *Anais...* Maceió, 1997.

SANTOS, M. *Capoeira e mandingas: Cobrinha Verde*. Salvador: A Rasteira, 1991.

SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W. A. Evas ou Marias: o corpo mulher na Antiguidade e Idade Média. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5, Maceió, 1997. *Anais...* Maceió, 1997.

SIMÕES, R. M. A. *Capoeira: um convite ao jogo feminino*. Rio Claro, 1999. 142p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista.

SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 214p.

_____. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1988. 165p.